

HUMANOS

O PODER DOS
COLETIVOS

Nº 0 | OUT/22

REPORTAGEM
AMEFRICANIDADE
E QUILOMBOS
VIRTUAIS

DOSSIÊ
HORIZONTES
DA WEB 3.0

AILTON
KRENAK

ENTREVISTA
EXCLUSIVA

Sesc

EDITORIAL

Desde a publicação da Carta da Paz Social, em 1946, o Sesc – Serviço Social do Comércio – traz em sua missão de bem-estar social perspectivas que o mantêm inovador até os dias atuais. Uma delas é orientar sua ação no contexto social, político e econômico vigente. Contextualizar o meio e o tempo fortalece as possibilidades de participação social em iniciativas cidadãs, coletivas e empáticas.

A outra perspectiva é ter a ação educativa permanente como diretriz geral básica em suas programações, voltada para a integralidade dos indivíduos. Considerando o contexto em que a pandemia do coronavírus nos colocou frente a reflexões sobre a humanidade e novas sociabilidades, é permanente a relevância da ciência e tecnologia e, sobretudo, de ações educativas que ampliem estes conhecimentos.

A Revista Humanos, nesta edição zero de lançamento, aborda o poder dos coletivos e traz, na Entrevista, as reflexões do escritor, ambientalista e líder indígena Ailton Krenak. Com uma abordagem que discute tanto sobre a experiência de ser coletivo, antes de pensar o coletivo como um conceito, quanto sobre a consciência de sermos humanos, ele nos traz reflexões sobre repensar ou vivenciar esta humanidade diante dos desafios de sociedades tão diversas e com tantas desigualdades.

A área de Educação do Sesc RJ, que atua fortemente a partir das interseções entre arte, ciência e tecnologia, deságua na iniciativa desta revista, o foco na aventura que pode ser conhecer o mundo – natural, virtual, lógico – e pensar as grandes perguntas existenciais que nos movem: Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?

Tanto no dossiê da Dr^a. Giovanna Casimiro, produtora sênior de eventos na Foundation Decentraland, que aborda a perspectiva coletiva na base da tecnologia blockchain e dos metaversos, quanto na coluna que traz, a cada edição, pesquisadores de países diferentes com depoimentos sobre seus fascínios em suas pesquisas, a ideia aqui é uma boa leitura!

ANTONIO FLORENCIO DE QUEIROZ JUNIOR

Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado do Rio de Janeiro



SUMÁRIO

04

DOSSIÊ

Dr^a Giovanna Casimiro, produtora sênior e especialista em web 3.0, escreve sobre novas governanças e a economia criativa no meio digital.

20

bioETC

Dr^a Aline Ghilardi, bióloga, especialista em paleontologia de vertebrados e criadora da rede de divulgação científica “Colecionadores de Ossos”, traz uma reflexão sobre ciência e decolonialismo.

26

umDOIS

Um tema e duas colunas. A importância do fazer coletivo é tema de discussão por Dr^a Kátia Maciel, artista visual, poeta e professora da UFRJ, e M^a. Gabryele Moreira, mestre em tecnologia nuclear e vencedora do Prêmio Marie Curie da Agência Internacional de Energia Atômica.

36

UPLOAD

Um reflexão sobre o fazer coletivo na cena contemporânea dos quadrinhos nacionais, pela editora e pesquisadora Dr^a Ana Paula Simonaci.

42

CONTA-ME UM CONTO

Kinaya Black, escritora afrofuturista cearense e autora do livro “Eu Conheço Uzomi” traz, nesta edição, o conto inédito Ventania.

10

ENTREVISTA

O pensador indígena Ailton Krenak fala sobre a consciência desperta e o efeito coletivo.

22

REPORTAGEM

O Coletivo Kukily e a reflexão sobre a ideia de quilombos virtuais e novas formas de refúgios afrofeministas.

30

emREDE

Pesquisadores do mundo contam sobre o impacto causado pelo fascínio com suas pesquisas em suas vidas.

38

QUADRINHANDO

Quadrinhando traz a cada número desenhistas convidados a seguir o fio narrativo dos números anteriores, criando uma obra aberta e coletiva. Neste edição: Bianca Pinheiro, quadrinhista e ilustradora, vencedora do Prêmio HQMix.

44

DE OLHO NO SESC

Projetos em atividade no SESC Educação: Orgulho Nerd e Projeto Consciências

SOBRE A REVISTA

EQUIPE SESC RJ

Diretor de Desenvolvimento Institucional:

Fabio Soares

Diretor de Programas Sociais:

Fernando Alves da Silva

Diretor de Comunicação e Marketing:

Heber Moura

Gerente de Educação:

Adriana Santos

Gerente de Comunicação:

Rogério Rezende

EXPEDIENTE

Coordenação Editorial e Executivo:

Ana Paula Simonaci Valentim e Rejane Nóbrega

Direção de Arte, Diagramação e Finalização:

Caio Muniz

Ilustrações: Zé Vicente

Revisão: Paula Lessa

Entrevista: Ana Paula Simonaci e Nelson Job

Reportagem: Ana Paula Simonaci

Coordenação de Comunicação e MKT:

Alessandra Barcelos

Coordenação de Mídias Digitais:

Elisa Travalloni

Jornalista Responsável:

Ana Paula Simonaci MTB 42350/RJ

A Revista Humanos é uma publicação bimensal que surge da ideia do quão encantador é o conhecimento, apresentando pesquisas, cientistas, artistas, jornalistas, pensadores, coletivos e contextos a partir das interseções entre arte, ciência e tecnologia.

Com uma circulação de acesso gratuito, impresso e virtual, nosso objetivo, a cada edição, é apresentar ao leitor um determinado tema e discuti-lo a partir de múltiplos olhares, para que haja a circulação de ideias, de novas ideias, para socializar a ciência nos diferentes campos do conhecimento e entender a função da educação científica para novas e alegres sociabilidades.

O caráter sempre inovador do “conhecer”, a vontade de diálogo e a proposta para redes de temas e públicos exigem ampla pesquisa e dedicação do corpo editorial e de diversos convidados - intelectuais, cientistas e realizadores, tanto de trajetória extensa, como também de jovens pesquisadores.

As edições são completas por perfis, contos inéditos, artigos, ensaios, dossiês de pesquisa e entrevistas. A revista busca manter o teor científico, de forma acessível, prezando por linguagem de qualidade, tanto textual quanto visualmente.

A Revista HUMANOS é uma proposta da área de Educação do Sesc RJ. Temos a satisfação de trabalhar com a capilaridade do Sesc para ampliar a apropriação do conhecimento científico, possibilitando a alegria e o despertar para o fascínio inerente ao conhecimento.

BEM-VINDOS A BORDO!

A Revista Humanos é uma publicação do Sesc Rio de Janeiro sob coordenação da Gerência de Educação e da Gerência de Comunicação. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios. Esta publicação está disponível no site: <https://portaldaeducacao.sescrj.org.br/>

DOSSIÊ

O PODER DOS COLETIVOS

Novas governanças e a economia criativa da web.

GIOVANNA GRAZIOSI CASIMIRO

Foi a brasileira Giovanna Graziosi Casimiro a responsável pelo primeiro grande desfile virtual realizado em um ambiente novo: a plataforma Decentraland, o Metaverse Fashion Week. Pesquisadora de arte e tecnologia, Giovanna se especializou em produzir e gerenciar projetos de design digital, estamparia de modas e instalações digitais. O seu amor por moda e alta costura pode se encontrar com todos esses interesses neste evento pioneiro, denominado Metaverse Fashion Week. Realizado em março de 2022, o desfile de modas reuniu algumas das principais grifes mundiais.

Segundo Giovanna, trabalhar com o metaverso é uma experiência instigante: “Eu tenho me aprofundado em projetos relacionados a mundos virtuais e expandidos. Esse mundo me atraiu porque eu sempre gostei do lúdico, do holístico, do místico e do desafiador, e acho que a possibilidade de reconstruir a realidade é formidável. A ideia de redesenhar o mundo ao nosso redor de modo híbrido sempre me fascinou, e possivelmente a minha infância de filmes de sci-fi também contribuiu para isso”.

Pensar coletivos e novas governanças pode parecer utópico, porém, mais do que nunca, esses termos renascem nesta década, devolvendo o poder de decisão aos usuários e transformando a internet em um espaço de poder comunitário e empatia. Após duas décadas de internet 2.0, a segunda geração de comunidades e serviços, que vê a “internet enquanto plataforma”, nos confrontamos com questões cruciais do futuro do ciberespaço. E, ao longo dessa jornada tecnológica, observa-se a drástica transformação dos valores que sustentam a atual web. Acima de tudo, a internet 2.0 apresenta problemas basais no que tange à segurança da informação, à privacidade do usuário ou mesmo à participação dos indivíduos na construção das ferramentas disponíveis a todos. A liberdade do indivíduo é posta em xeque à medida em que a internet 2.0 coloca em risco a estabilidade emocional, social e cultural de muitos grupos.

Nesta direção, cito Michel Foucault (1999), que afirma a relação entre a domesticação dos corpos e a revolução industrial. Sob um ângulo contemporâneo, as tecnologias digitais da web 2.0 domesticaram nosso emocional e normalizaram a falta de privacidade. Tornamo-nos humanos mais mansos, confinados e submissos, afinal, como afirma a autora Giselle Beiguelman (2017), a web é suavizada, sem serifas, sem cantos duros ou quinas. Nas últimas duas décadas de revolução tecnológica, fomos reféns de um sistema opaco e centralizador, similar ao panóptico apresentado por Foucault.

Vinte anos depois, o mundo se depara com uma pandemia que

coloca em xeque o valor das ferramentas digitais na vida cotidiana. Em consonância, nos últimos anos, surgem diversos escândalos associados ao vazamento e vendas de dados privados por grandes monopólios da internet (por exemplo, Facebook), desmistificando a ideia de uma internet igualitária e segura. Evidencia-se que a web 2.0 toma um caráter corporativo e extrativo, cujo modelo de negócio se dá na capitalização do usuário. O impacto dessas notícias é a conscientização dos indivíduos sobre o seu poder na internet enquanto agentes ativos nesse ecossistema – e não passivos. Nessa onda de conscientização e busca de uma nova identidade da internet, os movimentos open source e de criptografia ganham espaço, renovando o debate sobre o futuro da web.

Em meio a esta revolução, diversos projetos descentralizados e no blockchain nascem, incluindo a fundação das criptomoedas e os primeiros metaversos descentralizados -- caso da Decentraland, Sandbox, entre outros. Tais mundos virtuais nascem de uma estrutura econômica e social inédita, não centralizada, baseada em terras virtuais, e no poder de voto distribuído, utilizando outros modelos de governança para além dos já conhecidos. Esses mundos virtuais se tornam espaço de experimentação para novas governanças via DAOs (Decentralised Autonomous Organisations) e uma economia distribuída entre muitos, potencialmente igualitária. Deste modo, a gradual transformação da internet faz nascer novos paradigmas que impactam também o mundo físico, o futuro das governanças, a política e as finanças.

Dentro de plataformas descentralizadas do metaverso no blockchain, estabelece-se os primórdios da web 3.0, também chamada spatial web, composta por mundos virtuais tridimensionais navegáveis que cumprem funções similares à dos sites na internet padrão, porém com referências cartográficas e espaciais. Espera-se que marcas, corporações, empresas e organizações ao redor do mundo



transitem do mundo 2D para o 3D, expandindo as possibilidades de experiências, em uma narrativa visual imersiva.

Enquanto produtora e líder da semana de moda no metaverso, eu observo nesse novo ecossistema possibilidades ainda mais profundas no campo cultural e social. Metaversos abertos e DAOs são um sistema de horizontalização da economia digital, onde em que usuários fazem parte do processo criativo e de gerenciamento das plataformas. As comunidades de NFTs garantem a remuneração dos artistas, permitindo que criadores recebam um percentual fixo a cada venda de uma peça.

No campo da moda, a web 3.0 traz à tona a importância das comunidades virtuais, do senso de pertencimento e da construção de identidade para além do mundo físico. Inúmeros distritos de estilistas virtuais emergem em espaços como a Decentraland; arquiteturas impossíveis são criadas por arquitetos metavérsicos; músicos, DJs e performers tomam posse da autoria das próprias peças no mundo digital sem mediadores; o mercado imobiliário gradualmente transita para essas plataformas, abrindo possibilidades de investimento e colaboração entre todos. A conclusão disso é que diversas verticais

No campo da moda, a web 3.0 traz à tona a importância das comunidades virtuais, do senso de pertencimento e da construção de identidade para além do mundo físico.

A MODA E A WEB 3.0

imersão nos espaços virtuais, criando estratégias inovadoras focadas em comunidades virtuais criativas. Um novo mundo nasce.

Um caso particular a ser tratado, foi a Semana de Moda no Metaverso, que reuniu mais de 70 marcas de luxo e streetwear, e teve 7 Bilhões de impressões nas redes sociais e a cobertura do evento por mais de 500 outlets de mídia impressa. Foi uma forte demonstração de que indústrias de diversos setores estão atentas às comunidades descentralizadas e seu poder de mudança, apontando para um grande interesse nesta indústria e as transformações que isso acarreta.

A gestora financeira J.P. Morgan recentemente publicou seu relatório anual no qual menciona “os elementos de uma nova era digital estão convergindo em escala. O metaverso é a força motriz unindo estes elementos numa experiência unificada e imersiva”, apontando para 18.41 bilhões de Euros gastos pelos usuários In-game até 2027. Atualmente

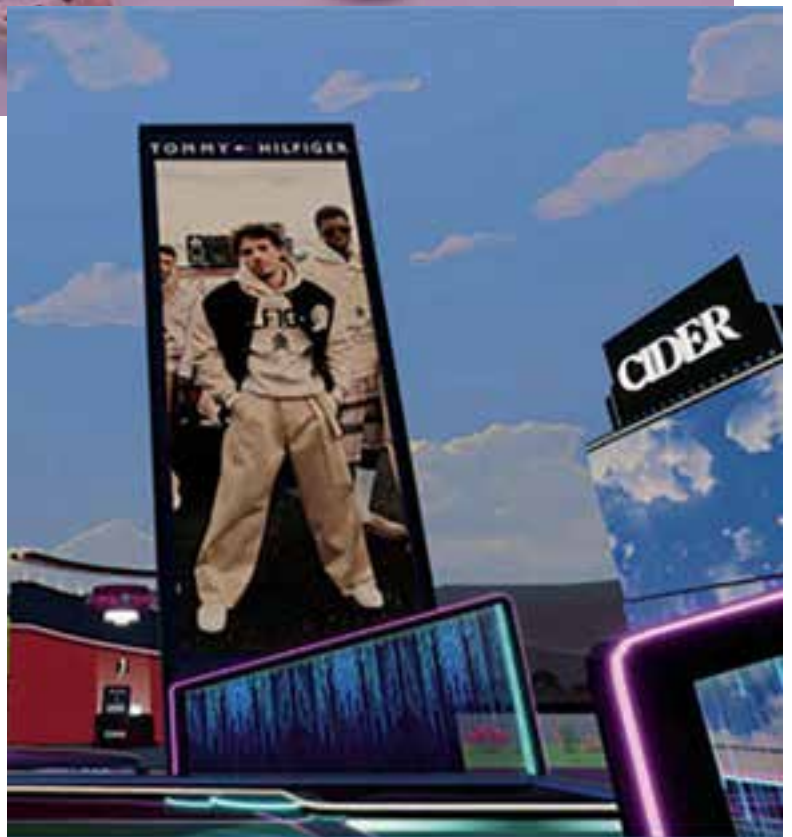
a Decentraland tem em torno de 100 mil usuários ao mês, e esse número tem flutuado de acordo com o mercado cripto. Logo após o anúncio da Meta, o número de usuários mensais subiu para 500 mil ao mês, e gradualmente se estabilizou no percentual atual.

Essas flutuações apontam para um período de transição, porém, caracteriza-se pelo início de uma transformação cultural e tecnológica sem precedentes. Observa-se a nova geração da internet composta de criadores digitais e marcas lado a lado, em um processo de cocriação e colaboração nunca antes visto. As comunidades criativas tomam a frente nessa “Era dos Artistas” através de soluções tecnológicas – mas, sobretudo, criativas –, e as comunidades e DAOs passam a tomar decisões-chaves que beneficiam mais indivíduos em seus processos.

O que está por vir será resultado de um conjunto de fatores, entre eles a educação dos usuários para tomarem posse desses mundos virtuais abertos. Espera-se que, nos próximos anos, a quantidade de usuários ativos cresça, e as transações em web 3.0 se tornem mais populares, bem como o blockchain e as moedas digitais. Como parte desta breve reflexão, termino com a provocação de que a transformação em curso proporciona o reencontro dos indivíduos com o exercício político clássico – trazendo-o de volta agora à vida –, onde e que pessoas lidam com pessoas na tomada de decisões, não com



instituições. Finalmente, a web abre portas para a humanização das ferramentas digitais, na qual pessoas estão acima dos interesses corporativos, e onde usuários têm participação em processos e prezam pela transparência. Por fim, para além das comunidades, vê-se nascer um outro conjunto de valores-base para a sociedade do futuro, e graças a web 3.0, surgir uma rede de pessoas, onde na qual o blockchain vira o “lovechain”.



Conheça mais sobre os termos utilizados no universo da web 3.0.

FIQUE POR

DENTRO

DENTRO

DENTRO

WEB 3.0

Também conhecida como web semântica, a Web 3.0 é a terceira onda da internet mundial. Neste novo estágio, o foco da rede digital é o empoderamento do usuário, através de tecnologias que permitam o processamento de um maior volume de dados e a descentralização.

NFT

O termo NFT vem do inglês “non-fungible token” (token não fungível). Se um bem fungível é um bem móvel que tem o atributo de ser substituído por outro de mesmo valor, assim como a moeda, o NFT está na mesma natureza das obras de arte, objetos únicos que não podem ser substituídos. Assim, o NFT tem como objetivo criar escassez digital verificável, propriedades digitais que se valorizam como produtos individuais e específicos. Os NFT são usados para a criação de arte criptográfica e cripto-colecionáveis.

BLOCKCHAIN

Também conhecido como “protocolo de confiança”, a blockchain é uma tecnologia de registro que visa a descentralização como medida de segurança. É um livro-registro, uma base de dados distribuída que registra as transações em rede. Por meio da tecnologia é possível garantir segurança e transparência nas transações, a partir da verificação da identidade online.

DAO

A sigla DAO vem do inglês “decentralized autonomous organization” (organização autônoma descentralizada). As DAOs são organizações que possuem regras específicas, que são asseguradas por contratos inteligentes, como são denominados os programas de computador que são executados e validados por uma blockchain. As DAOs permitem que haja um contrato formalizado entre todos os colaboradores de determinada organização, e que estes possam ter informações em tempo real sobre os fundos investidos e outras informações em torno das atividades da organização.



Bored Ape Yacht Club (BAYC) ou na tradução, Clube dos Macocos Entediados, é uma coleção de NFTs construída sobre a blockchain Ethereum. A coleção apresenta imagens de perfil de macacos de desenho animado que são geradas por um algoritmo. Desde 2022, as suas vendas totalizaram mais de US\$ 1 bilhão e foram compradas, inclusive, por várias celebridades.

METAVERSO

O metaverso é um tipo de experiência imersiva que une o mundo físico e o digital num ambiente digital, através da realidade virtual e outros dispositivos digitais. É um espaço virtual compartilhado, que também é denominado de “realidade aumentada”.

CRIPTOMOEDA

A criptomoeda ou cibermoeda é um meio de troca que se utiliza da tecnologia blockchain e da criptografia para trazer segurança de transações digitais e descentralizadas. Assim como nas moedas tradicionais, existem diferentes tipos de criptomoedas. As mais conhecidas delas é o Bitcoin e a Ethereum.

DECENTRALAND

A Decentraland é um metaverso, um mundo virtual no blockchain descentralizado e governado por seus usuários. Logo, é uma plataforma que permite a construção e acesso em tempo real de um mundo tridimensional na web e também para desktop, que funciona como um espaço de construção de comunidades, socialização, narrativas e games. Acima de tudo, consideramos a Decentraland uma experimentação social que pode apontar para o futuro das redes sociais.

CRYPTOVOXELS

Criada em 2018, a Cryptovoxels é uma plataforma de metaverso que se utiliza do blockchain Ethereum. É, junto com a Decentraland, a principal plataforma em atuação no metaverso.

ENTRE

Esta é a primeira edição da Revista *Humanos*, que busca trazer em seu conteúdo o encanto pelo conhecimento, mesmo nas pesquisas que são despretensiosas. No seu livro “A vida não é útil”, você faz uma crítica à técnica, à produtividade. O que você pensa sobre o fascínio pelo conhecimento, pelos saberes?

Eu observo que esse fascínio pelo conhecimento não é exclusivo da espécie humana. Nesta semana, eu fui surpreendido com uma imagem muito linda de um primata pequenininho que ocorre só numa região da Amazônia. É um primata, um serzinho muito pequenininho. Um sagui pigmeu (*Cebuella pygmaea*). Ele é tão pequenininho e estava no galho de uma árvore e tocando um outro ser que é uma espécie de Louva-a-Deus, na verdade, é aquele que a gente chama de Esperança, porque é verdinho.

Então é um pequeno animalzinho dentro da floresta analisando a estrutura de um outro animalzinho da floresta. E ele analisa, vai sensivelmente tocar a estrutura das pernas, as articulações e depois suavemente põe o dedinho na asa. O que é interessante é que o outro corpo que está sendo pesquisado não reage, de maneira que não foge e nem reage de ma-

neira hostil, ele permite aquele afeto curioso de alguém que está querendo conhecer aquele organismo que está ali perto dele. Então essa inteligência não é exclusiva do homo sapiens.

Eu começo dizendo isso porque eu tenho percebido um excesso de especismo em tudo que nos move. Os humanos acham que são os únicos seres interessantes e interessados em conhecimento, em conhecer, e ignoram solenemente bilhões de outros seres, inclusive alguns vírus que estão interessadíssimos em nós. Esses outros seres estão interessados em conhecer a gente. Aquele primata, aquele sagui tão pequeno analisando um outro ser num galho, ele está mostrando o interesse dele por conhecimento. É pesquisa, é conhecimento.

Por que que nós acreditamos que só as comunidades humanas são capazes de uma experiência tão maravilhosa? E esse maravilhamento está presente em tudo. Na biosfera do planeta todo! Ele é expresso por baleias, golfinhos, pássaros, peixes, todos os outros seres que coabitam a biosfera do planeta Terra conosco.

Os animais têm uma capacidade maravilhosa de atualização, invenção, eles não estão parados. Nada está parado ao nosso redor, mas nós acreditamos que nós somos os únicos capazes de uma disposição para alguma coisa como a ciência, o saber, o conhecimento. Como se fosse patrimônio dos humanos. Não é. Os outros seres estão o tempo inteiro descobrindo mundos, criando inclusive camadas de mundos. Nessas outras camadas de mundo são produzidos tantos sentidos quanto nessa camada de mundo que nós convenhamos chamar de realidade onde a gente deita e rola.

Dito isso, a gente pode voltar ao terreno dos humanos e dizer que, para os humanos, o conhecimento é uma possibilidade de transcendência. Quer dizer, de sair do atoleiro, sair do pântano. É o conhe-

VISTA



AILTON KRENAK

cimento que atina pra essa mudança. Os humanos não conseguem ter muita atenção com esse propósito, e acabam fazendo uma espécie de dois passinhos para frente e um pra trás. É por isso que de vez em quando nós estamos imersos em um conservadorismo. E no negacionismo típico desse começo do século XXI, em que a maioria das pessoas que tem poder no mundo hoje são negacionistas. O Putin é negacionista. O presidente da Ucrânia é negacionista. O Biden é negacionista.

Nós estamos imersos no mundo de homens com muito poder e que negam esses conhecimentos. Eles negam a ciência e negam

conhecimento. Eles apropriam-se de alguns cintos de utilidade, né? Parecendo aquelas coisas do Batman. O Batman tem um cinturão de utilidades, e esses sujeitos também fazem isso. Eles pegam o cinturão de utilidades, podem até botar uma grife de ciência e conhecimento, mas o que está ali movendo aquele sujeito é só a utilidade.

É como esse sujeito da Tesla, o Elon Musk, por exemplo. Ele diz que agora quer fabricar robôs. Ora, será que o mundo está precisando de fabricação de robôs? Nós estamos precisando agora de ter uma consciência da nossa inadaptação ao ecossistema terrestre e a necessidade de um esforço universal amplo pra que a gente buscasse fazer uma conciliação com o ecossistema terrestre numa perspectiva de biociência. Seria uma bioecologia, buscar uma ecologia de vida.

O maior investimento que os humanos podiam fazer diante das mudanças climáticas seria descobrir como aquele pequeno Sagui lá

da floresta percebe a estrutura daquele serzinho verde que está ali pousado num galho e que ele quer conhecer melhor.

Nós precisamos conhecer melhor a biosfera do planeta antes de financiar viagens pra Marte. Financiar viagens pra Marte antes de conhecer a nossa própria casa é um tiro no pé. É anticiência. Não é ciência e me incomoda muito o fato de que a NASA, que durante muito tempo foi uma agência que atraía a atenção e admiração de gente no mundo inteiro, por que parecia que eles privilegiavam a ciência, agora virou uma instituição público-privada. Tem uma parte da NASA agora que está alugada pro Jeff Bezos, aquele outro bilionário. Ele e a gangue dele alugaram a NASA para fazer esses voos de dez minutos no espaço. Eles mandam foguetes da base de lançamento como se fossem fogos de São João.

“O maior investimento que os humanos podiam fazer diante das mudanças climáticas seria descobrir como aquele pequeno sagui lá da floresta percebe a estrutura daquele serzinho verde que está ali pousado num galho e que ele quer conhecer melhor.”

Eles banalizaram a tecnologia, transformaram a tecnologia num instrumento de exibição - exibição de poder. O que não é muito estranho porque, na última experiência que a gente teve há setenta anos atrás, com o anúncio da Guerra Fria, o que os poderes políticos do mundo estavam fazendo era exibicionismo. Eram alguns sujeitos, muito machos, se exibindo de um lado e do outro dizendo que iam apertar um botão e destruir o mundo.

Passaram-se setenta anos, estamos no século XXI, e ainda tem gente se exibindo por aí. Então esse exibicionismo tira a energia neces-

sária que essa precária humanidade desigual ao extremo poderia canalizar para a gente melhorar. Nós podíamos melhorar.

Mas para a gente melhorar precisa canalizar essa energia exibicionista. Trocar essa que só exhibe os músculos para uma que projeta luzes. Luzes sobre as nossas próprias ignorâncias, como diz o Manoel de Barros. Esse poeta maravilhoso é quem nos lembra que somos habitados por ignorâncias e não por conhecimento. O conhecimento a gente precisa buscar.

A questão do antropoceno, que tanto você tem abordado em suas falas e trouxe aqui, traz uma crítica ao humano que acredita estar sempre no centro do debate, como único detentor dos saberes. Estendendo ainda este assunto, poderia nos contar mais sobre essa visão da vida como um grande coletivo – para além do humano.

A vida é como transcendência. A natureza transcendente da vida é exatamente esse atravessamento de todos os corpos sem distinção de organismo. O organismo árvore é um organismo, baleia é um organismo, girafa ou formiga são invólucros da vida, assim como o meu corpo e o seu corpo. Nós somos invólucro de vida. A vida está passando na gente. Esse momento agora que nós estamos experimentando aqui de confabulação, ele é a vida em nós. Quando o invólucro Ailton encerrar, continua em outro lugar, em outros termos, em outros corpos. O maravilhamento da vida, nesse sentido, vai além da compreensão do coletivo. Porque o coletivo ainda é alguma coisa do campo do humano, digamos assim.

O coletivo, a experiência do coletivo, a própria consciência do coletivo é uma produção humana, da mente humana. É um cardume de milhões de tainhas que não pensa que é um coletivo. Ele é. Então, nós queremos ser coletivo. Queremos, ansiamos por, mas nós não somos. É esse cardume de milhões, bilhões de tainhas que está fazendo sua jornada agora em algum lugar do oceano, ele não tem um propósito coletivo, eles são. Parece que nós estamos sendo convidados a pensar em outros termos, como se a gente estivesse numa escola taoísta.

Você não vai pensar em fazer. Você não vai pensar na ação. Você é uma ação. Você é. Então, quando nós ansiamos pelo coletivo, nós estamos na verdade denunciando uma carência e uma falta dessa experiência no nosso corpo, na nossa medula, na nossa arquitetura social, entende? Disso que nós chamamos de coletivo.

É como se nós pensássemos que uma imagem no espelho é o corpo que projeta a imagem. Nós pensamos em coletivo muito mais como carência do que como experiência. Para atravessar esse lugar, nós teríamos que sair desse lugar do especismo humano e fazer o que a filhinha de uma querida amiga me contou há uma semana atrás.



Elas estavam andando no jardim e a filhinha dela perguntou pra ela: a gente não vai se desviar das formigas? Eu fico feliz que tenha crianças com oito anos, onze anos, perguntando para os seus pais: “você não vão se desviar da formiga?” As formigas estavam passando por um caminho onde os humanos tinham que atravessar e a criança pergunta “você não vai desviar das formigas?”. A gente não desvia nem do outro humano que está diante de nós a gente, atropelamos.

A gente atropela um elefante, a gente atropela um dinossauro, porque nós acabamos criando uma marca tão funda na terra que nós já estamos habitando uma era que é antropocena. Essa buzina que vocês escutam de vez em quando, ela está a frente de uma composição de mais de trezentos containeres entupidos de minério levando uma montanha que o poeta Carlos Drummond de Andrade já chorou a perda há muito tempo.

É como se a gente estivesse fazendo uma viagem ao passado em que o Drummond disse que a cidade dele era só um retrato na pa-

rede e esse trem da Vale está passando a quinhentos metros daqui da margem do Rio Doce, me lembrando que o mundo está em acabamento. Nós entramos em fase de acabamento. Pra mim não é uma ideia.

O antropoceno pra mim é uma experiência cotidiana de assistir as montanhas passarem na forma de migalhas. Em cima de composições que vão levar para o Porto de Tubarão. De lá eles vão entrar em navios e vão pra qualquer lugar do mundo. Se Maomé não vai à montanha, a montanha está indo pra Maomé. Mas nem por isso a vida deve perder a poesia. A vida já estaria perdida há muito tempo se não tivesse poesia.

Como você pensa a diferença entre coletividade, comunidade e nação?

São diferenças imensas, tanto do ponto de vista etimológico de cada palavra, quanto no sentido que elas expressam na língua portuguesa, por exemplo. Quando eu era jovem me movi junto com os meus colegas e criamos uma iniciativa chamada União das Nações Indígenas. Porque havíamos entendido que os nossos antepassados, com grupos de trezentas, quinhentas ou mil pessoas, tinham uma cultura, uma história, uma língua, uma cosmovisão própria. Eles correspondiam a essa ideia de nação.

Essa ideia de nação veio do século dezoito. É uma ideia construída. A sociedade foi ficando complexa e inventaram essa história de nação como uma maneira de organizar o carnaval. Nação é uma in-

venção e é, portanto, uma ficção. Nação Zumbi, por exemplo, eu gosto da música da Nação Zumbi. A nação alvinegra, a nação sei lá o que. Então nação é coletivo.

Em comunidade, já vamos diminuir o zoom e aproximar um pouco mais da escala humana. É possível imaginar um coletivo de propósito bem simpático querendo, por exemplo, cuidar de uma praia, cuidar de um território, cuidar de uma aldeia ou de um quilombo ou mesmo de uma cidade. Pode ser um coletivo urbano que quer cuidar da cidade, plantar jardim vertical, horta no telhado, limpar a rua, não jogar lixo na rua, ser amável com as pessoas que circulam, não se comportar como predadores.

Infelizmente, na maior parte dos ambientes onde se reúnem coletivos, nós temos quase que guerra campal. As pessoas rosnam. Faz parte do tempo de hoje as pessoas rosnarem. Então, essa é a ideia do tempo útil, da vida útil, da aglomeração que não é um coletivo. Uma aglomeração não é um coletivo. E uma comunidade implica cumplicidade.

É por isso que a gente diz: “Ah, tem uma comunidade de abelhas!” Ou uma comunidade de maritacas. Elas têm cumplicidade. Elas procuram mais ou menos criar códigos de linguagem comum. Falar uma mesma língua, por exemplo. Seja com o gesto, seja com qualquer outra expressão do corpo ou de falar uma língua. É um desejo de comunicação pacífica. Se a comunicação não é pacífica, o resto todo vira uma espécie de simulacro. Até a comunidade vira um simulacro.

Mas a gente pode ter uma comunidade também de predadores que se reúnem pra preda num território, um país, uma nação. E aí a gente abre de novo o zoom pra uma perspectiva da crítica política, digamos assim. Ou crítica da política. Esse ambiente que ficou cada vez mais difuso e que quando você fala em política tem dificuldade de qualificar o que política.

A política grande, a grande política, macropolítica política, feita no mundo hoje, a

geopolítica, ela é predatória. Nós temos uma guerra na Europa, esse lugar que gostava tanto de exhibir um retrato bem comprido. Agora a gente tem uma guerra e aqui no continente americano o que que nós temos? Uma espécie de ressaca. A gente está experimentando uma ressaca no continente americano e na Europa um bode. Então imagina você habitar um planeta onde tem um continente que é um bode e o outro quer uma ressaca? Aí você fica perguntando e o resto do mundo? E a e a China? E a Ásia? E a África? Ai meu Deus!

Sabe, quando eu olho, quando eu presto atenção no corpo vivo de Gaia, no organismo da Terra, eu fico imerso nessa potência regeneradora, auto-regeneradora do organismo da terra e evito a primazia, a lógica e a racionalidade dos humanos. Os humanos precisam aprender com as formigas.

Dentro deste senso de comunidade, como você vê a relação com a ancestralidade e a memória?

O tema ancestralidade tem sido quase que banalizado na literatura, nas artes, nas narrativas plurais que circulam por aí. Ele é apropriado de uma maneira quase que oportunística mesmo. É como se houvessem descoberto que tem alguma coisa muito nova, uma praia muito bonita e a gente quer invadir essa praia.

Acontece que o termo ancestralidade tem um eco de uma espécie de memória muito profunda, memória das pedras, memória da terra, memória da montanha, memória de seres extra-humano, digamos assim.

Existe essa palavra muito complicada, que é evoluir. Então, seria legal fazer uma correção de que ancestralidade não é exatamente antiguidade, não é alguma coisa que evoluiu para o que somos hoje, mas é uma experiência sensível da vida. E podia ser a experiência de reverenciar a vida em tudo. Porque quando nós reverenciamos a vida em tudo a gente não distingue o humano, no sentido especista, de uma montanha, de uma floresta ou de um rio. Nós vamos entender que a vida está em todos esses corpos. No corpo da floresta, no corpo dos humanos e também de um rio. Mas a gente admite a violência contra um corpo diferente, como o rio, por exemplo.

Eu estou aqui na beira do rio Doce, que chamamos aqui de Uatu. Nós cantamos para esse rio. Agora esse rio está em coma. Há sete anos atrás uma lama devastou a bacia do Rio Doce e ele entrou em coma, diziam o rio morreu. O rio está morto. É como se fosse um laudo técnico.

Olha, não tem coisa mais oportuna para o capitalismo do que você decretar que alguma coisa acabou. Porque daí você aciona os outros contratos e toca a vida. A gente faz isso com montanhas, com rios, com florestas e estamos imersos nisso que a gente chamou de



“

Eu estou aqui na beira do rio Doce, que chamamos aqui de Uatu. Nós cantamos para esse rio. Agora esse rio está em coma.”

O termo ancestralidade tem um eco de uma espécie de memória muito profunda, memória das pedras, memória da terra, memória de seres extra-humano, digamos assim.”

antropoceno. Assim, quase tudo que a gente fizer daqui pra frente é mitigação. Apesar de todo o discurso da sustentabilidade dessa insistente... grife, né? De dizer que alguma coisa é sustentável. Desde esse frasquinho que carrega um café, o líquido... todos botam um carimbinho de sustentável, quer dizer, se tornou um selo de garantia para o mercado.

Se nós continuarmos exaurindo os outros organismos todos da terra e botando o selo de sustentabilidade neles, vai chegar uma hora que nós vamos entrar na lista das espécies em extinção. Os humanos. O que pra mim já viria tarde. Eu gostaria que os humanos entrassem na lista de das espécies ameaçadas de extinção com a mesma urgência que o mico-leão-dourado. Porque os humanos são tão caras de pau que eles fazem listas de espécies em extinção! Porque o humano é a espécie, tá? É o topo da pirâmide. É uma declaração de arrogância tão abrangente que quando nós fazemos uma crítica de algum comportamento autoritário, até nisso nós estamos sendo discricionários. Porque tudo é autoritário na maneira de se organizar. Nesse mundo dos humanos tudo é autoritário.

Nós habitamos um mundo onde o princípio é o do autoritarismo, que já foi chamado de patriarcado e outros nomes. Esses humanos estão no cume da pirâmide. É de lá que esses caras disparam mísseis. É de lá que decidem orçamento secretos. O Biden deu trinta e dois bilhões de dólares para a Europa comprar arma. Trinta e dois bilhões de dólares poderiam ajudar um pouco a mudar, por exemplo, a matriz energética da América Latina, ao invés de continuar sendo de combustível fóssil.

Devia desativar essa indústria de automóveis. Essa sucata de automóveis, essas coisas de duas toneladas, vinte toneladas que carrega uma pessoa lá dentro. É ridículo, é indecente.

Ailton, você tem essa trajetória fantástica de mais de quarenta anos ativamente trabalhando com coletivos e com comunicação em diversos meios, como rádio, por exemplo. O que você pensa sobre as formas de comunicação e as redes hoje – o que que elas possibilitaram e o que que elas desabilitaram?

Olha, eu acho um desafio imenso alguém manter a serenidade no meio de tanta convergência midiática digital, com tudo quanto é disparo. O campo disso que a gente chama de comunicação hoje é uma violência tão grande que quase que a gente não consegue estabelecer contornos pra isso. É desse ambiente que surge essa ideia da fake news, quer dizer, da informação envenenada. É como se a tecnologia tivesse facilitado ou promovido uma espécie de cadeia disruptiva. A disrupção na comunicação é tão grande que as pessoas estão ainda correndo atrás. O humano é uma espécie assim, que vai acordar depois do tapa no ouvido.

Não tem comunicação sensível no mundo hoje. A comunicação é violenta. E quando nós atuamos no sentido de uma comunicação pacífica é como se nós estivéssemos fazendo um cuidado terapêutico. Nós estamos conscientemente evitando a violência com a comunicação pacífica. Porque o horizonte, o universo amplo da comunicação, pensando nas grandes mídias, nas cadeias de mídia no mundo inteiro, desde aquelas televisão norte-americana, europeia e as outras mídias que acontecem no submundo, é no registro mesmo da guerra, da contrainformação, da violência e da produção de violência no mundo.

Isso cria um inframundo da comunicação que contamina todo o ambiente, inclusive esse mundo pacífico que a gente pensa que compartilha. Ele está envenenado por esse inframundo. Tanto que já existe uma coisa que se chama infraweb. Quer dizer, tem um submundo que fica o tempo inteiro disparando mentira, conceitos contra a informação, desinformação, negacionismo, enquanto uma parte pequena desse mundo sopra para ver se alivia o dano.

Nós estamos agora vivendo na era da mitigação. Nós não estamos mais numa experiência ampla de expandir a experiência do humano, de criar comunidades para ampliar nossos horizontes, digamos, de subjetividade. Nós estamos sendo quase que comprimidos. É uma situação de ficar escapando de bala perdida. Aqui a bala perdida é fake news, é mentira, desinformação.

É impressionante como o século XXI nos surpreendeu com o negacionismo. O negacionismo é uma ordem global. Você tem ne-

“ah, mas aquilo ali é um jardim”. Então nós podemos criar uma paisagem propícia para comunidades com outra disposição afetiva que não seja a competição, a concorrência e essa espécie de elogio do sucesso individual, da meritocracia.

E como podemos criar esta paisagem?

Que a gente possa viver de uma maneira, digamos, mais verdadeira. Viver de maneira como alguém que despertou para a possibilidade de outros afetos. A ideia que mencionaram dos paraquedas coloridos. Ele só emerge em ambiente propício. Então os paraquedas coloridos são uma poética da existência, de estar no mundo, mas também são uma sugestão de que a gente já tem muita a gente, já temos muitos designs, a gente já tem muito desenho de mundo possível. O que nos falta é saltar.

“ Eu sou porque nós somos é uma consciência desperta que produz efeito coletivo. Ela pode nos habilitar a outras experiências além do individualismo.



AILTON
KRENAK

AILTON KRENAK - ENCONTROS (2015)

Reunindo três décadas de falas, entrevistas e depoimentos, entre 1984 e 2015, o volume em homenagem a Ailton Krenak na coleção encontros foi o primeiro livro a apresentar de forma ampla a trajetória e o pensamento de um dos maiores autores indígenas da atualidade. O livro foi publicado pela Azougue Editorial e tem organização de Sergio Cohn e apresentação do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro.

AILTON KRENAK - TEMBETÁ (2017)

Tembetá foi a primeira coleção a trazer um panorama do pensamento ameríndio no Brasil. Foram publicados oito volumes, de autores de diferentes povos indígenas, como Ailton Krenak, Eliane Potiguara, Sônia Guajajara, Jaider Esbell, Kaká Werá, Daniel Munduruku, Álvaro Tukano e Biraci Yawana-wá. O volume dedicado a Ailton Krenak traz uma série de entrevistas e depoimentos realizados entre 2015 e 2017, e foi organizado por Idjahure Kadiwel e Sergio Cohn.

IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO (2018)

Um dos maiores best-sellers de 2018, ano em que Ailton Krenak brilhou na sua apresentação na FLIP, a Feira do Livro de Paraty, e se tornou uma das maiores referências do pensamento brasileiro contemporâneo, Ideias para adiar o fim do mundo vendeu dezenas de milhares de exemplares. O livro, editado pela Companhia das Letras, traz três depoimentos contundentes do autor sobre os desafios climáticos e sociais do mundo atual.

A VIDA NÃO É ÚTIL (2020)

Espécie de continuação de Ideias para adiar o fim do mundo, A vida não é útil é novamente um contundente testemunho de desafios e alternativas contemporâneas. Editado pela Companhia das Letras, se tornou também um grande sucesso de vendas, firmando a figura de Ailton Krenak como um dos autores mais importantes na busca de outras formas de vida, que se contraponham à destruição iminente do meio-ambiente e ao utilitarismo capitalista.



bioETC



Durante o período colonial, naturalistas europeus viajaram o mundo coletando amostras e estudando diversos fenômenos da natureza. Alguns dos seus trabalhos e observações revolucionariam campos científicos e dariam origem, inclusive, a novas áreas de estudo da ciência ocidental. Foi nesta época também que os primeiros museus de ciências naturais do Ocidente, como o Muséum National d'Histoire Naturelle de Paris, foram fundados e, para recheiar esses museus, centenas de milhares ou milhões de espécimes de animais, plantas, minerais, fósseis e artefatos arqueológicos e antropológicos foram levados das colônias.

Apesar de o colonialismo histórico ter esmorecido depois dos processos de independência dos séculos XIX e XX, o modo de dominação colonial permaneceu vivo e ainda controla sobremaneira as relações de poder do mundo moderno. A Ciência tem sido um dos grandes refúgios do pensamento colonial, contribuindo não só para a manutenção das assimetrias de poder da sociedade atual, mas também para a perpetuação do racismo estrutural.

POR UM GRITO DE INDEPENDÊNCIA DA CIÊNCIA

ALINE GHILARDI

Na Ciência, o modelo do homem branco europeu tornou-se a referência a ser seguida. O inglês foi adotado como língua franca e revistas, instituições e até o sistema de formação de cientistas europeu tornaram-se o padrão. Outras formas de pensamento e de produção e sistematização de conhecimento foram desprezadas e assim, um sistema de concentração de poder se estabeleceu.

O modo de dominação colonial trabalha para reforçar os métodos e pensamentos que beneficiam os grupos dominantes. Além de favorecidos historicamente pela pilhagem colonial, países europeus, por exemplo, ainda hoje se beneficiam da estrutura de poder estabelecida no passado, liderando a produção científica mundial. Enquanto isso, a maioria dos territórios de ex-colônias ainda são tratados como meros exportadores de dados e cérebros e consumidores fidelizados de produtos manufaturados estrangeiros feitos a partir dos seus próprios recursos e dados.

O modelo de Ciência atual ajuda perpetuar a grande assimetria de poder na nossa sociedade. Sua concepção está enraizada nos ideais colonialistas, racistas, que favorecem as populações hegemônicas. Além disso, a

profissão ainda é pouco acessível às pessoas de fora da elite, e o conhecimento, por padrão, é deliberadamente mantido afastado da sociedade. Esta estrutura não apenas gera um viés na interpretação de dados, mas também é vulnerável a manipulações em favor de interesses de grupos dominantes.

Nas últimas décadas, diferentes grupos têm trabalhado na concepção de uma Ciência decolonial, ou seja, uma Ciência livre do pensamento unilateral, enviesado e estereotipado imposto pelo modelo de dominação colonial. A Ciência decolonial enfatiza o coletivo, valoriza diferentes formas de pensar e considera as populações locais e os seus interesses no processo de produção do conhecimento. Se essa é a Ciência que queremos para o século XXI, precisamos urgente de um grito de independência.

Para se livrar dos grilhões é preciso se esforçar mais para diversificar o corpo de cientistas, ampliando políticas de inclusão e de acesso à carreira. É preciso também exigir colaborações internacionais mais horizontais e éticas, com benefícios mútuos equitativos. É fundamental ainda investir em pesquisadores e instituições locais e na valorização dos mesmos.

Finalmente, é crucial democratizar o acesso do conhecimento, tornando não apenas os dados e processos de análise amplamente acessíveis, mas disponibilizando os resultados das pesquisas em linguagem compreensível pelo público não especializado. O diálogo entre os cientistas e sociedade deve ser valorizado e revistas, como esta, inclusive, têm um importante papel neste processo. Sabendo, antes de tudo, que a independência da Ciência somente virá com um dedicado trabalho de decolonização de nossas mentes.



A independência da Ciência somente virá com um dedicado trabalho de decolonização de nossas mentes.

AMEFRICANIDADE E QUILOMBOS VIRTUAIS

Criado em 2016, o Coletivo Kukily reúne mulheres de diferentes países.

A afrodiáspora nas Américas foi vivenciada em diferentes territórios e culturas. Buenos Aires, Nova Orleans, Nova York, Cidade do México, Porto Alegre, Olinda, Rio de Janeiro entre tantas outras. A diáspora atlântica foi vivenciada em paisagens diversas. Hoje, através de coletivos que se reúnem virtualmente, podemos ver um novo lugar, sem fronteiras espaciais, para partilha de experiências.

Lélia Gonzalez, intelectual e feminista negra brasileira, nos anos de 1980, foi uma pensadora pioneira que abordou as diferentes trajetórias de resistência das mulheres negras e indígenas, no Brasil, na América Latina e no Caribe. Para isso, Lélia utilizou do termo “Amefricanidade”, primeiro criado pelo teórico lacaniano MD Magno, para criar um con-

ceito que se insere na perspectiva pós-colonial, traçado pelas lutas e experiências vividas tanto da diáspora negra quanto pelo extermínio da população indígena nas Américas.

Outra expressão utilizada por Lélia é a “América Ladina”, que busca viabilizar explicitamente a presença dessas populações e reivindicar essa herança plural, para além do termo eurocêntrico que nomeia a América colonizada por países de língua portuguesa e espanhola.

Atualmente, existem diversas iniciativas nas artes, na ciência e na tecnologia que buscam reunir mulheres negras que vivem a diáspora nas Américas. Neste sentido, a Revista Humanos traz nesta reportagem um pouco sobre o trabalho do Coletivo Kukily, um coletivo afro-feminista internacional que trabalha através de formas interdisciplinares com performance, instalações e audiovisual.

Fundado no 31 Encuentro Nacional de Mujeres, em 2016, por Lina Lasso, Julia Cohen Ribeiro, Colleen Fitzgerald e Jasmin Sánchez, o coletivo tem criado novos espaços de trocas e de construção artísticas através das ferramentas tecnológicas que nos permitem romper

REPORTAGE



“

Agora, no caso na da diáspora virtual, é um novo deslocamento, desta vez intencional, para um novo espaço de convivência.”

EMREPORTA



a barreira da distância física. Os membros da Kukily tem diferentes nacionalidades e origens, como Argentina, Brasil, Colômbia, EUA e Libéria. Além disso, existe espaço para colaboração de outros artistas e membros da comunidade afrodescendente.

Jasmin Sánchez, em entrevista para a C& América Latina, fala sobre um conceito que chama de Quilombo Virtual. Aborda que, para além do aspecto tecnológico do termo virtual, podemos entender este como espaço e tempo diaspórico. É importante lembrar que diáspora define o deslocamento de populações originárias, na maioria das vezes, de forma forçada, para outros lugares. Agora, no caso na da diáspora virtual, é um novo deslocamento, desta vez intencional, para um novo espaço de convivência. Esse habitar coletivamente em um lugar suspenso resulta da soma de conhecimentos e culturas de diferentes lugares.

Embora o coletivo tenha começado com

uma sede fixa em Buenos Aires, em 2018 migrou para o formato virtual. Nos últimos dois anos e meio, o isolamento imposto pela pandemia de Covid-19 permitiu criar novas maneiras de produzir. Isso trouxe potenciais que talvez não seriam descobertos de maneira tão ágil, como a adaptação das performances presenciais para o virtual.

Coleen Fitzgerald conta: “Como é importante para nós nos conectarmos! E o Kukily permite isso. Nós somos de três diferentes países e nos conectamos através de ligações e vídeo. Mas a pandemia impulsionou mais encontros como este. E, infelizmente, em nossa diáspora, nem todos tem o privilégio de poder viajar fisicamente para estes lugares para encontrar pessoas, então que ferramenta incrível e poderosa que o meio virtual é para estarmos juntos aqui hoje. Estou falando de algo particular para nós que vivemos a diáspora.”

Kukily é uma palavra que pertence a língua Kpelle, da Libéria. Significa “todes nós, cada umx de nós/todes nosotrxs, cada unx de nosotrxs/ Everyone of us, all of us together”, conforme tradução do grupo. Representa a força coletiva, ou como afirma Lina Lasso, permite “reconhecer a força das companheiras e transportar para todas nós”.

Os trabalhos do coletivo envolve diversos temas, por exemplo “Celebrar a Existência” e “XTRÆNCESTRAL” discutem o princípio de subsistir no mundo.

Atualmente preparam um projeto para a International Biennial



for Contemporary Art, Architecture, & Design 2023, traduzida como Bienal de Lagos, que ocorre na Nigéria. Este traz a proposta de refúgio como obra de arte, como um convite, para a partir desta cosmovisão da arte africana, encontrar o que é o passado, o que é o ancestral, e projetar tudo isso em um futuro utópico e não distópico.

Júlia Cohen Ribeiro conta que, a partir do entendimento de que há algo na base dos coletivos que mantem suas existências, o trabalho trata de processos que falam de refúgio,

de espaços de encontro e de segurança que fortalecem tantos os indivíduos como a comunidade. O projeto, que conta com a arquiteta afroargentina Florencia Gómez Assim, tem como instalação uma nave espacial.

Colleen Fitzgerald conta em entrevista para a C& América Latina que “desde o início, o sonho era que essa nave viajasse conosco de comunidade em comunidade de afrodescendentes por diversas partes do mundo. Para a maioria de nós, essa é a primeira vez na África. Uma parte do projeto em si tem a ver com pensar e sonhar o futuro, criando futuros melhores do que o momento em que vivemos. Essa nave espacial vai seguir sua viagem para onde tiver que ir, disso eu tenho certeza.”

umDOIS

EBULIÇÃO

KATIA MACIEL

Tekné é a palavra grega que designa “tornar visível” e acumula os sentidos de arte e técnica, o que evidencia a mesma origem para ambas.

Com o surgimento da fotografia no final do século XIX intensificou-se uma forma particular de construção de imagens que mais e mais aderiam ao referente, ou seja, o parecer e o aparecer tornavam-se lados da mesma moeda.

A questão da verossimilhança assumia de vez a preponderância nas formas artísticas. No mesmo fim de século, o cinema tornaria ainda mais próxima a imagem do real ao reproduzir as formas visuais, e, posteriormente sonoras, em movimento.

O termo “tecnologia” foi inventado no século XVII para descrever o estudo sistemático da arte, de modo que ao longo da história a arte e técnica tiveram caminhos entrelaçados. No entanto, apenas nos anos 1980 os artistas começaram a experimentar uma nova tecnologia que ampliaria muito a relação entre o espectador e a obra: o computador. Com os sistemas interativos programando os sensores de presença muitos artistas criaram propostas para um novo modo de participação do espectador.

Em 2018 fui contemplada pelo Edital do Oi Futuro para a realização de um projeto de performance e instalação interativa intitulada Ebulição.

Há muito já trabalhava com a ideia de um cinema expandido, ou seja, projeções em grande escala em espaços museológicos e já realizara uma série de instalações que incluíam a presença do espectador para disparar o funcionamento da obra, mas pela primeira vez incluía a montagem de um poema ao vivo.

Tudo começou com um poema que havia escrito logo após a leitura do livro Safo que reunia fragmentos da poeta de Mitilene que viveu nos últimos anos do século VII a.C, na tradução de Guilherme Gontijo Flores, publicado pela editora 34 em 2017.

*Safo tocou o céu
Não vai dar em água – ela disse
Mar na boca a repetir
Meio cheio é mesmo meio vazio
Mesmo assim não é assim mesmo
Naufrágio não é destino
Já vi esse filme
De pé no fundo da piscina a morte é azul
Você já chorou com óculos de mergulho?
Toda ação emana da comoção
Comova-se
Faca na água é ebulição*

A performance de leitura expandida Ebulição [2018] foi pensada na menor formação do coro grego, de Ésquilo, com dezesseis vozes. O poema foi lido, então, na abertura, por um coro de 16 mulheres que performaram a leitura como uma partitura musical. Atrás das poetisas estendia-se uma longa projeção de 20 metros da água que reagia, progressivamente, às vozes femininas até chegar a ebulição.



Nos dias seguintes a performance os microfones usados na abertura eram convertidos para o sensoriamento das presenças dos visitantes que ao se aproximarem levavam o sistema a reproduzir o efeito da performance e a água atingia a ebulição pelo acúmulo de vozes pré-gravadas emitidas pelo sistema interativo.

Essa obra é ao mesmo tempo uma instalação e performance de um poema em uma situação interativa, ou seja, é a presença do espectador que ativa a obra. Ao entrar o visitante vê uma ampla projeção e apenas ao se aproximar de um dos oito microfones iluminados dispara as vozes e a mudança nos estados da água. O trabalho, portanto, só ocorre na presença e pela presença do espectador.

Ebulição exemplifica os muitos extratos

tecnológicos agregados em uma só obra que parte das palavras de uma artista da antiguidade para reverberar na ação performática de um canto contemporâneo através das possibilidades interativas da arte hoje.

Ebulição

performance instalativa interativa

2018

Direção de fotografia: Daniel Venosa

Programação: Julio Parente, Bruno Senise, Lina Kaplan e André Machado Parente

Expografia: Paula Quintas

Poetas: Ana Carolina de Assis, Ana Costa Ribeiro, Catarina Lins, Daniele Magalhães, Eleonora Fabião, Janice Caiafa, Julia Klien, Júlia Studart, Katia Maciel, Maria Bogado, Maria Isabel Iório.

MULHERES NAS CIÊNCIAS NUCLEARES

GIOVANNA GRAZIOSI CASIMIRO

Em novembro de 2018, a Agência Internacional de Energia Atômica – IAEA, vinculada à Organização das Nações Unidas publicou o artigo chamado “*Toward closing the gender gap in nuclear Science*” (Rumo a fechar a lacuna de gênero na ciência nuclear) que falava sobre a baixa participação de mulheres na área nuclear em todo o mundo.

Segundo o artigo, as mulheres representam menos de 14 dos trabalhadores deste setor. Esta baixa participação feminina tem consequências como o prejuízo à diversidade e à inclusão de novas especialistas. Isto faz com que a possibilidade de ter uma área nuclear mais ampla dentro das ciências em geral seja reduzida.

Em 2020 realizamos, no Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares – IPEN, uma pesquisa sobre gênero, a fim de identificar o perfil social cultural das mulheres da própria instituição. Publicamos em um artigo chamado “*Study on the sociocultural profile of women working in a Brazilian nuclear area*” (Estudo sobre o perfil sociocultural das mulheres que trabalham em uma área nuclear brasileira). Foi uma parceria entre a *Women in Nuclear*

– WiN (Mulheres no setor Nuclear), representada pela presidenta naquele momento, Dra. Nélide Del Mastro e pelo IPEN, no qual participamos como corpo discente, junto com Karolina Suzart e Priscila Rodrigues (estudantes de mestrado no IPEN na época).

Nesta pesquisa foi possível identificar que 83,7% eram mulheres brancas, 9,6 % negras (pretas e pardas), 6,7% asiáticas e nenhuma identificada como indígena; 61% das mulheres tem idade de 18 a 45 anos de idade; mais de 50% das mulheres já foram ou são supervisionadas por homens; 40% das mulheres estão atuando na interdisciplinaridade das ciências da saúde com as ciências nucleares e apenas 7,6% ocupavam cargos de gestão e liderança.

A organização global WiN, apoia e incentiva mulheres dentro das ciências nucleares desde 1992. Em 1998, surgiu o capítulo WiN-IAEA, que visa estabelecer e manter uma rede para mulheres que trabalham lá e em instituições vinculadas. Esta rede é formada por mulheres de todas as etnias, culturas e países. Por exemplo, a atual gestão no Brasil tem como presidenta Danila Dias e como vice-presidente Jaqueline Calábria.

Um dos grandes incentivos que existem atualmente é o Programa de Bolsas de Estudos para Mulheres da IAEA, voltado para aquelas que estão inscritas num programa de mestrado dentro das ciências nucleares.

Chamado de *Marie Skłodowska-Curie Fellowship Programme*, o programa homenageia a física e química polonesa – naturalizada francesa – que conduziu pesquisas pioneiras sobre radioatividade e



foi responsável pela descoberta dos elementos químicos Rádio e Polônio. Foi ganhadora de dois prêmios Nobel e é a simbólica representação feminina do setor nuclear.

Dessa forma, podemos ver como a Win Brasil tem um papel fundamental na coletividade e apoio às mulheres do setor nuclear brasileiro: realizar difíceis tarefas como a de desmistificar a área nuclear e empoderar mulheres.

Podemos citar, como uma das formas de trabalho mais eficientes, a que tem sido realizada nas redes sociais (Instagram, Facebook, WhatsApp e LinkedIn) que permite firmar a unidade social e equidade de gênero. Tudo isso nos moveu a começar a ocupar eventos científicos nucleares e ver grandes pioneiras em suas participações, abordando temáticas sobre gênero.

Como resultado destes avanços, pudemos nos reunir presencialmente em agosto de 2022, quando aconteceu o I Encontro de Mulheres do Setor Nuclear, na *International Joint Conference RADIO 2022* – evento que reuniu empresas renomadas do setor público e privado, como a Eletronuclear, CNEN, universidades federais e instituições de pesquisas. Neste mesmo evento, foram realizadas apresentações de trabalhos com uma linha de pesquisa específica para gênero e diversidade.

Atualmente, também está em andamento um novo estudo de maior abrangência direcionado para as mulheres vinculadas à instituição de ensino, pesquisa e desenvolvimento tecnológico que atuam no setor nuclear em todo o território nacional, está inclusa a pesquisadora Camila Engler (estudante de doutorado do Centro de Desenvolvimento da Tecnologia Nuclear - CDTN), que contribui para os estudos que mencionamos aqui.

Espero que, cada vez mais, estes estudos possam nos entender como mulheres atuantes e pensar em políticas públicas para que esse número seja cada vez maior, preenchendo a grande lacuna neste setor.

PESQUISADORES AO REDOR DO MUNDO

O fascínio pela descoberta.

Eureka (do grego antigo: *εὕρηκα*) é uma interjeição usada para celebrar uma descoberta ou invenção, e significa “Descobri!” ou “Encontrei!”.

A palavra “eureka” foi supostamente pronunciada pelo cientista grego Arquimedes (287 a.C. – 212 a.C.), quando descobriu como resolver um complexo dilema apresentado pelo rei Hierão.

Conta-se que o rei queria saber o volume de ouro em sua coroa. Arquimedes sabia que para isso deveria determinar a densidade da coroa e comparar com a densidade do ouro. O problema complicado era como medir o volume da coroa sem a derreter.

Arquimedes descobriu a solução quando entrou numa banheira com água e observou que o nível da água subia quando ele entrava. Concluiu, então, que para medir o volume da coroa bastava mergulhar a coroa em água e calcular o volume de água deslocado, que deveria ser equivalente. Conta-se que ele saiu correndo pelas ruas e gritando eufórico: “Eureka! Eureka!” (Achei! Achei!). “O Princípio de Arquimedes” foi como ficou conhecida a descoberta do grande cientista grego.

A expressão “Eureka!” se popularizou como vinculada a ideia do cientista, que durante o momento no qual percebe um fator que soluciona um equação, verbaliza a sua surpresa e deslumbramento com o mundo e suas complexidades.

O prazer da descoberta e o encantamento com a ciência levaram a humanidade a caminhos que outrora pareceriam impenetráveis. E é neste sentido que esperamos que leia as próximas páginas desta sessão e descubra, a cada edição, um novo universo.

EmRede é um espaço que se propõe a apresentar pesquisadores do mundo. Desse modo, buscamos não apenas apresentá-los, mas enriquecer o debate sobre o quão fascinante pode ser o fazer científico.



A partir da pergunta “o que te fascina na tua pesquisa?”, pesquisadores de áreas diversas se mostram dispostos a partilhar conosco, o que para além do tecnicismo, atua como o motor da curiosidade.

Em cada edição, conforme buscamos cientistas pelo mundo, propomos também estreitar os laços entre estes pesquisadores e suas pesquisas, que passam a ter contato e conhecer as tessituras deste organismo vivo e em atividade.

Nesta edição, as doutoras Gaëlle Offranc Piret (França), Margarita Oliveira (Argentina) e Paola Aceituno (Chile), nos contam o que fazem com que se movam em direção a descobertas de novas respostas para problemas que as deixam intrigadas.

Dr^a Gaëlle Offranc Piret é pesquisadora permanente no Instituto Nacional Francês de Saúde e Pesquisa Médica, no Laboratório Brain-tech (U1205 INSERM UGA, Grenoble, França) cujas atividades estão espalhadas pelas insta-

lações do CEA-LETI e da Universidade UGA.

Ela obteve seu mestrado em Física e seu doutorado em 2010 (laboratório IEMN, Universidade de Lille, França). Depois fez um pós-doutorado na escola politécnica, Palaiseau-Paris e na Universidade de Lund (Suécia) onde trabalhou no desenvolvimento de micro-nanotecnologias/materiais e no estudo de suas interações com células ou organismos biológicos.

Atualmente ela é a líder do projeto europeu ERC BRAIN MICRO SNOOPER - um implante mimético para o mínimo distúrbio, estimulação estável e registro de unidades neurais intra-corticais.

Um bilhão de pessoas sofrem de alguma deficiência, tornando-as mais suscetíveis a resultados socioeconômicos adversos, como menos educação, níveis de emprego mais baixos e taxas de pobreza mais altas. Estes podem se tornar mais perversos para as pessoas que vivem com alguma forma de paralisia. Gaëlle está desenvolvendo implantes cerebrais flexíveis, finos e nanoestruturados para aplicações terapêuticas que poderiam restaurar a função para pessoas deficientes. Ela também promove a ciência para a juventude ensinando cursos para escolas primárias e fala publicamente sobre a ciência por trás da pesquisa em neurotecnologia.

O QUE TE FASCINA NA TUA PESQUISA?

Dr^a. Paola Aceituno é planejadora social, mestre em Ciências Políticas e doutoranda em Ciências Administrativas na Universidade de Santiago. É especialista e pesquisadora em prospectiva e políticas públicas, dedicando seus esforços à divulgação de estudos futuros e estratégias de longo prazo. Ela publicou artigos em várias revistas especializadas e é autora dos livros: “Prospectiva y Partidos Políticos” (RiL Editores, 2013), “Prospectiva estratégica”. Historia, desarrollo y experiencias en América del Sur” (UTEM, 2015). Em outubro de 2017 ela lançará seu terceiro livro chamado “Prospectiva; Bases y práctica fundamental para la toma de decisiones”. Ela também é consultora de organizações públicas e privadas e é oradora regular em seminários sobre tendências futuras, estudos futuros e tomada de decisões. Aceituno é atualmente a Vice Presidente do Conselho de Prospectiva e Estratégia do Chile, acadêmica da Universidad Tecnológica Metropolitana del Estado de Chile (UTEM) e da FLACSO Chile. Ela é editora da Revista de Estudios Políticos e Estratégicos (UTEM).

Dr^a Margarita Oliveira é professora Adjunta do Instituto de Economia (IE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), nas disciplinas Economia e Feminismos, Experiências Comparadas de Desenvolvimento e Desenvolvimento Socioeconômico. Coordenadora de Extensão do IE/UFRJ. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas de Economia e Feminismos (NuEFem/IE/UFRJ). Desde 2018 é coordenadora do projeto de extensão Economia e Feminismos. Entre 2011 e 2014, foi pesquisadora de Pós-Doutorado e Professora de Pós-graduação na Universidad General San Martín, Buenos Aires, Argentina, no Mestrado em Desenvolvimento Econômico e no Mestrado em Cooperação Internacional. Em 2010, foi pesquisadora visitante do Instituto JNIAS da JNU, Nova Délhi, Índia. Entre 2009 e 2010 foi Pesquisadora de Pós-Doutorado e Professora de Política Econômica na Università degli Studi di Pavia, Itália. Bacharel em Economia pela Universidad de Buenos Aires, Argentina (formada em 2003) e se doutorou em 2009 em Economia Política pela Università degli Studi di Roma La Sapienza, Itália. Realiza pesquisas nas áreas de Economia Feminista, Feminismo Decolonial, Teoria da Reprodução Social, Desenvolvimento Econômico e Integração em América Latina.

GAELE OFFRANC PIRET

DOUTORA EM FÍSICA



FRANÇA

ATUAÇÃO

Pesquisadora permanente no Instituto Nacional Francês de Saúde e Pesquisa Médica, no Laboratório Braintech em Grenoble, França.

PESQUISA

Líder do projeto europeu ERC BRAIN MICRO SNOOPER, um implante mimético para baixa perturbação, estimulação estável e registro de unidades neurais dentro do cérebro.

Minha pesquisa tem por objetivo melhorar a biocompatibilidade e os sistemas dos tecidos neurais, a fim de melhor compreender e tratar as doenças neurais.

A pesquisa é fascinante porque é uma forma dos seres humanos ampliarem o conhecimento sobre si mesmos e seu ambiente, e serem mais fortes contra desastres naturais, doenças, falta de recursos... mas também contra a dominação

das pessoas sobre as pessoas. Isso tem levado a oportunidades como a Internet, uma ferramenta que permite uma ampla consciência e que ajudará a construir um mundo melhor.

Hoje, as leis da física ainda não estão completas, a biologia dos corpos humano, dos animais, das plantas, dos insetos e bactérias ainda são surpreendentes.

Outras questões fascinantes também são a física e a química no corpo biológico. O vencedor do Prêmio Nobel, Sir Roger Penrose está abrindo um caminho para responder a estas inquietações, como por exemplo, com sua pesquisa sobre a conexão entre a física fundamental e a consciência humana (ou animal).

Finalmente, a ciência humana, o comportamento humano, a história e a organização da sociedade é uma grande área de pesquisa. Espero que no futuro a pesquisa científica seja transversal, onde os cientistas compartilhem e discutam seus pontos de vista muito mais livremente (sem competição). Uma pesquisa onde a inteligência coletiva seja baseada em um melhor conhecimento da singularidade uns dos outros, bem como o respeito à diversidade das pessoas, levará a ampliar a qualidade das descobertas científicas e da vida de todas as pessoas.

MARGARITA OLIVEIRA

DOUTORA EM ECONOMIA



ARGENTINA

ATUAÇÃO

Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas de Economia e Feminismos – NuEFem/IE/UFRJ.

PESQUISA

A reprodução social e a organização dos cuidados: a situação das mulheres no Brasil.

Há 25 anos, comecei a minha caminhada pelo universo da economia e, aos poucos, a vida foi me levando para a área de pesquisa e ensino, movida por um desejo profundo de mudar a sociedade para alcançar a justiça social e transformar o mundo em um lugar melhor. Na sala de aula, sempre encontrei um espaço de criação e transformação, de troca e

aprendizado. Porém, na parte da pesquisa a coisa nunca foi tão fácil. Era difícil me sentir parte, quando sentia que as ideias e reflexões econômicas dificilmente dialogavam comigo. A grande maioria dos que falavam eram professores, homens brancos, que só nomeavam o seu famoso homo economicus... mas cadê a mulher, eu pensava? Nunca estudávamos economistas mulheres, nunca tínhamos referentes acadêmicas femininas, nunca a teoria falava de nós, das nossas vivências, das nossas experiências, dos nossos lugares nesse mundo. Mas, aos poucos, as coisas foram mudando.

Nos últimos anos fui descobrindo a economia feminista, vertente do pensamento econômico que procura colocar no centro da análise a sustentabilidade da vida, indo além do entendimento de mercados e lucros. Ensinar, pesquisar e fazer extensão a partir desse pensamento e práxis de transformação, através do Economia e Feminismos e o NuEFem (Núcleo de Estudos e Pesquisa de Economia e Feminismos do Instituto de Economia/UFRJ), transformou-me. Achei um lugar onde a minha vida podia dialogar com a minha pesquisa. A procura por entender as múltiplas formas de opressão e exploração que vivenciam corpos feminizados e racializados trouxe aquilo que faltava. Através do estudo da divisão sexual e racial do trabalho, dos papéis sociais de gênero e da economia dos cuidados, como elementos estruturais e estruturantes do capitalismo neoliberal patriarcal, comecei a mergulhar também nas obras do feminismo decolonial, da teoria da reprodução social, do feminismo marxista, do feminismo interseccional, dos feminismos subalternos, entre outros. Assim, hoje acredito profundamente que para pensar caminhos emancipatórios, formas de superação da exploração (de corpos, trabalhadoras e trabalhadores, seres vivos, territórios e natureza) e para ter um entendimento profundo sobre o funcionamento do capitalismo, no contexto do sistema do mundo moderno colonial de gênero, é necessário incluir os olhares dos feminismos dentro da economia.

PAOLA ACEITUNO O.

DOUTORA EM ECONOMIA



CHILE

ATUAÇÃO

Pesquisadora na Faculdade de Administração e Economia na Universidade Tecnológica Metropolitana do Estado de Chile.

PESQUISA

Planejamento estratégico e prospectiva no Chile: Um estudo de caso de duas estratégias de desenvolvimento regional implementadas entre 2009 e 2020.

Acreditem ou não, em vários países da América Latina, os gastos do Estado têm aumentado exponencialmente ano após ano em relação às políticas públicas; no entanto, a percepção social do impacto das mesmas não é consistente com isto, o que nos obriga a nos perguntar por que persistem lacunas entre o que é concebido como política pública e os resultados obtidos na fase de implementação.

Diferentes respostas têm sido dadas a este problema: por um lado, ele é atribuído à atividade dos políticos; por outro, ao desvio de recursos para seus próprios interesses; e também à gestão anacrônica da administração do Estado, que é percebida como ineficiente e pouco transparente. Tudo isso trouxe consigo não apenas problemas de governança, mas também, em particular, desinteresse político entre os cidadãos, o que tem repercussões sobre a paz social e o desenvolvimento humano.

Deste ponto de vista, uma das formas de avançar para a redução destas lacunas é incorporar a participação social e o planejamento estratégico e prospectivo na elaboração de políticas públicas, para que a comunidade seja responsável por projetar seu futuro, estabelecendo uma visão de longo prazo que possa ser um guia para gestores públicos e autoridades, bem como a coesão da comunidade em torno das realizações esperadas e, finalmente, que permita a avaliação da gestão estatal, abrindo o caminho para a possibilidade de pedir um relato do progresso do processo e dos objetivos alcançados. Claramente, isto também ajudaria a melhorar os níveis de transparência na administração dos recursos estatais.

Por esta razão, a incorporação do planejamento estratégico e prospectivo tornou-se uma constante recomendação de diferentes organizações internacionais para os estados latino-americanos, e já existem vários países na região que vêm adotando gradualmente estas ferramentas dentro de seus diferentes níveis e processos.

Entretanto, os efeitos desta incorporação têm sido pouco pesquisados. Portanto, a minha pesquisa procurou entender como uma política pública com planejamento estratégico e previsão se desempenha na fase de implementação e, com esta ideia em mente, verificar como esta combinação de ferramentas tem funcionado na prática, identificar seus pontos fortes e falhas, entre outros aspectos, a fim de melhorar sua utilização, contribuir para a correção de problemas e, ao mesmo tempo, divulgar suas boas práticas.

É gratificante ver que o uso de planejamento estratégico e prospectivo na elaboração e implementação de políticas públicas permite e facilita que a sociedade seja um ator relevante no processo, alcança consenso e, além disso, permite uma melhor orientação dos gastos nestes assuntos. É gratificante, enriquecedor, mas acima de tudo, emocionante e me motiva a continuar neste caminho, abrindo espaço para estudos sobre a implementação de políticas públicas, que são escassas, já que é seu desenho, devido a sua alta visibilidade e atratividade política, que tem captado o interesse dos pesquisadores. Neste sentido, muito poucos estão interessados nos resultados das políticas concebidas, e esta realidade deve ser mudada.

UPLOAD

COLETIVO DE QUADRINHOS

ANA PAULA SIMONACI

Seja Batata Frita Murcha ou Collant sem Decote, ou até mesmo o saudoso Quarto Mundo. Trabalhar com coletivos é uma prática no universo brasileiro dos quadrinhos. Em todo canto – Paraíba, Amazonas, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e mapa a dentro: não resta um lugar que não tenha um coletivo de quadrinhos produzindo e editando seus trabalhos.

Seja por vontade de fazer arte colaborativa, apoiar causas, incentivar trabalhos, ou pela troca despretenhosa entre pessoas que compartilham do mesmo interesse. A paixão em comum une esses grupos de pessoas que têm uma força maior do que até mesmo eles imaginam.

Entre tantas histórias, a dos coletivos nos quadrinhos no Brasil não é nova. Já existiam antes, mas desconho que foi no início dos anos 1970, quando Laerte Coutinho e Luiz Gê começaram e criaram a Revista Balão, junto com outros jovens universitários que se criou a configuração dos coletivos como conhecemos hoje. Lançaram a primeira semente.

Dali em diante outras surgiram: Circo, Chiclete com Banana e Níquel Náusea são algumas das revistas que reuniam diversos quadrinistas.

Eram poucas, mas fizeram grande sucesso. Não havia internet, e talvez fosse difícil imaginar a profusão que brotaria depois, no período da web. As redes virtuais possibilitariam um boom pelo imenso alcance e rapidez de comunicação.

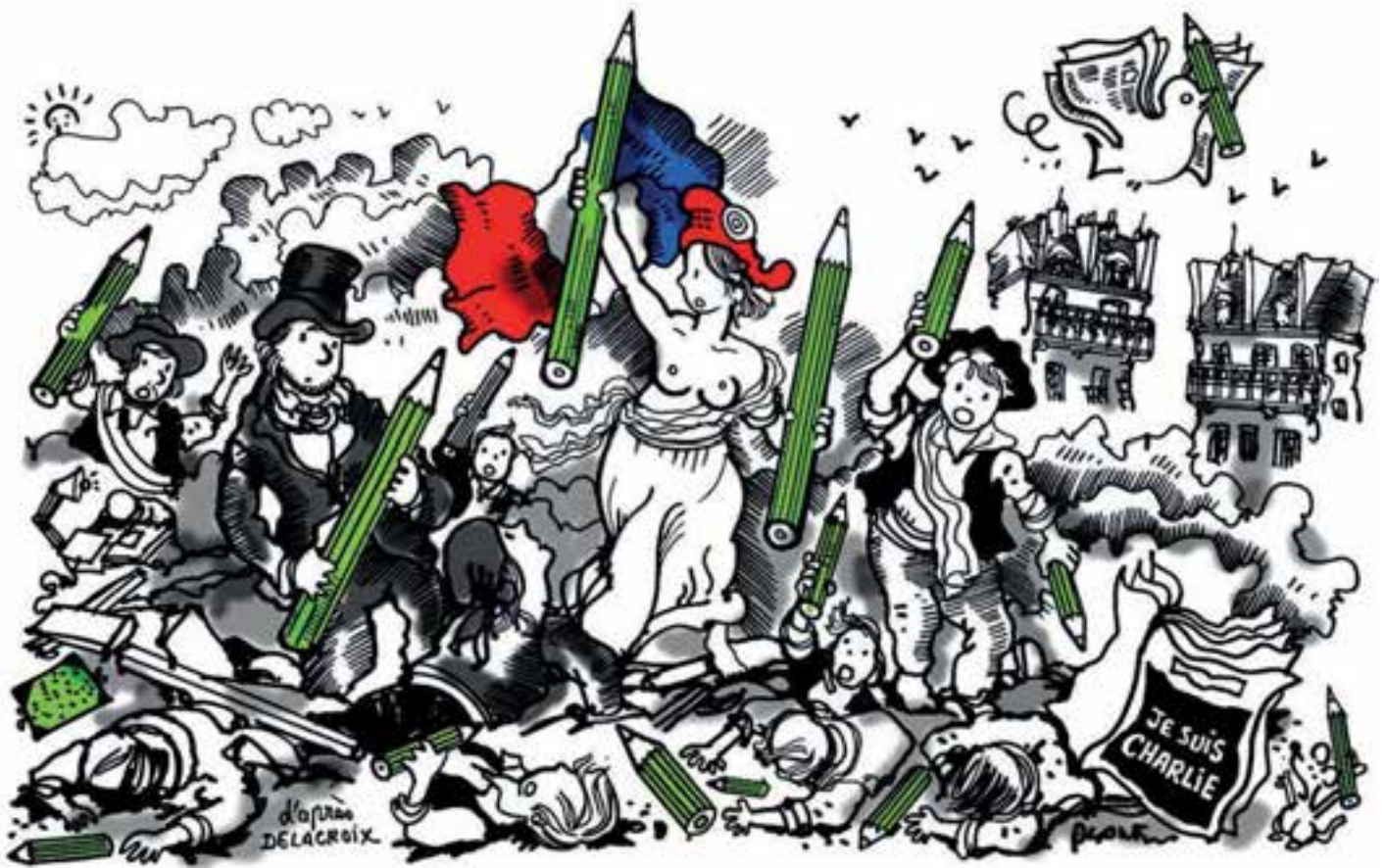
Nas décadas de 1970 e 80, ainda havia uma circulação nacional de revistas impressas. Foi depois dos anos 1990 que este setor quebrou e – concomitantemente – começaram a surgir os primeiros – e ainda primitivos – traços de tirinhas virtuais. Este novo ambiente se tornou um terreno fértil e, enfim, nasceram as webcomics e, com elas, uma explosão de coletivos online.

Se engana quem pensa que a cibercultura causaria qualquer tipo de limitação em relação às trocas presenciais. Pelo prazer de estarem juntos, seja nas feiras ou nas lojas, ou até mesmo em grupos de estudos universitários, esses amantes dos quadrinhos também viriam a criar uma espécie de comunidade.

As lojas de quadrinhos, por exemplo, criam uma rede em seu entorno. Para citar apenas algumas espalhadas pelo Brasil: a Ugrapress, em São Paulo, a Comic House, na Paraíba e a Itiban Comic Shop, em Curitiba, não se furtam a fazer eventos e reunir seus agregados.

Outro motivo pelo qual este grupo gosta de se reunir, online ou presencialmente, é para incentivar trabalhos. Participar de feiras ou fazer financiamento coletivo são uma forte iniciativa de quem ama ler e fazer quadrinhos – e que se apoia, quando fora da indústria, precisa arrumar meios independentes para isso.

Existem coletivos que se unem por causas, como a das mulheres,



Esta charge foi criada pela rede coletiva *Cartooning For Peace (Desenhando pela Paz)* que através do humor e dos quadrinhos, luta por liberdade de expressão e diversidade cultural.

que tem fortes atuações em grupos como as do MinasdeHQ, M.A.R, Mátinta, entre outros. Ou também por causas territoriais, que se unem para impulsionar o empreendedorismo local periférico, como O Corre Coletivo, nas quebradas de SP, e o Capa Comics, na Baixada Fluminense do RJ.

Acredito que essa união não é apenas uma troca superficial, mas – como ia dizendo – que esses laços são mais fortes do que muitos podem imaginar. Digo isso pois tive o prazer de entrevistar mais de 30 quadrinistas do Brasil ao longo da minha trajetória. Ouvindo e registrando suas histórias, circulando por movimentos e feiras. E de uma coisa não tenho dúvidas: a rede de quadrinistas independentes é poderosa e solidária.

Ora, não estou dizendo que os outros tipos de artistas não são. Mas nesse meio, eu vi muitas coisas bonitas acontecerem nos últimos anos. Só aqui no Rio de Janeiro, de onde escrevo, houve três momentos que me marcaram: quando perdemos o João Carpalhau, o Otinha e durante a tragédia de Petrópolis, quando houve a solidariedade ao youtuber Alessandro Garcia, que perdeu sua família. Numa perspectiva mais ampla, durante o Prêmio HQMix 2021, apresentado pelo Sesc São Paulo via YouTube, houve um momento coletivo pelos queridos quadrinistas que se foram durante a pandemia de Covid-19.

Tudo isso me fez pensar que a força destes coletivos de arte não se dá apenas no trabalho de muitas mãos, mas principalmente no compartilhamento das memórias de grupo. Na troca entre artistas, que mesmo que nem sempre estejam assinando juntos, estão de mãos dadas (mesmo que temporariamente para poder voltar a desenhar logo).

QUA

DRI

NHAN

DO

BIAN

*QUADRINHANDO TRAZ A CADA NÚMERO
DESENHISTAS CONVIDADOS A SEGUIR O FIO
NARRATIVO DOS NÚMEROS ANTERIORES, CRIANDO
UMA OBRA ABERTA E COLETIVA. CONHEÇA BIANCA
PINHEIRO, QUE COMEÇA ESSA HISTÓRIA!*

GAPI

PIEI



**BIANCA
PINHEIRO**

Quadrinhando tem a honra de apresentar a quadrinista e designer Bianca Pinheiro. Sua carreira como quadrinista profissional começou em 2014 e atualmente já tem 10 livros publicados.

Seu trabalho mais conhecido é a série infantojuvenil Bear, que conta a história da pequena Raven, uma simpática menina que de alguma forma se perde de seus pais e de seu lar, e durante sua busca, acaba por se deparar com um urso marrom, muito rabugento, mas que decide ajudar. Essa jornada rendeu 3 volumes e um Prêmio HQMix.

Um trabalho muito querido pelo público, são as duas edições que realizou para a série Mônica, de Maurício de Sousa.

Em Força, Bianca Pinheiro faz a principal personagem da Turma da Mônica encarar o grande desafio de sua vida em uma história emocionante.

O sucesso desta publicação lhe trouxe outro convite dos Estúdios, e daí veio Tesouros, que conta sobre uma viagem que Mônica faz com seus pais e Sansão, seu querido coelho sofre um acidente.

Além destes podemos citar Alho-Poró, e em parceria com Greg Stella, Eles Estão Por Aí e a webcomic Expedição 43.

Seus quadrinhos ganharam no total 4 Troféus HQMix, Troféu APCA de Melhor Quadrinho de 2018 e Prêmio Grampo (3º Lugar) de Melhor Quadrinho de 2018.

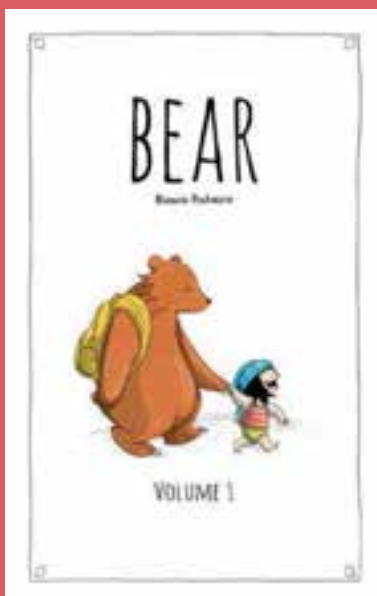
Sem dúvida, Bianca Pinheiro vem conquistando o seu lugar e trazemos aqui, nas páginas a seguir, o começo de uma nova história, que irá se completando ao longo das edições da Revista Humanos.

E vale a pergunta: **como você terminaria a história narrada nas próximas páginas?**

OBRAS DA AUTORA

2014 - Bear Volume 1 (Editora Nemo)
2014 - Dora (edição independente)
2015 - Bear Volume 2 (Editora Nemo)
2015 - Meu Pai é um Homem da Montanha (edição independente)
2016 - Bear Volume 3 (Editora Nemo)

2016 - Mônica - Força (Panini, coleção Graphic MSP)
2016 - Dora (Editora Mino, relançamento)
2017 - Alho-Poró (edição independente)
2018 - Eles Estão por Aí (Todavia) - com Greg Stella
2019 - Mônica - Tesouros (Panini, coleção Graphic MSP)
2019 - Sob o Solo (Pipoca & Nanquim) - com Greg Stella



O Ladrão

ROTEIRO E ARTE: BIANCA PINHEIRO





CONTINUA...



– Ô Layla, sai de perto desse açude, que tu não sabe nadar! – gritava a senhora que lavava roupas à beira do açude, em cima das pedras.

A menina olhava pra ela como quem dissesse “eu não vou cair coisa nenhuma” e continuava brincando, colocando pés e mãos na beira, molhando os cabelos crespos e a pele escura. Era de costume do povoado as mulheres se reunirem para lavar roupa na beira do açude e conversar sobre os diversos causos que se passavam na redondeza e dentro de casa. Enquanto elas conversavam, as crianças que já sabiam nadar brincavam na água.

Layla era apenas um bebê quando foi deixada misteriosamente na porta da senhora Aquino. Devido ao lugar ser pequeno, nem cidade era, todos se conheciam e ninguém viu nenhuma grávida por lá naqueles tempos. Layla foi deixada em uma noite típica do famoso ditado “chove, não molha”; o sertão estava frio, do jeito que o dia nunca é. No céu, muitos relâmpagos silenciosos.

Aquela manhã, pós-tempestade de raios, foi cheia de bafafá sobre a criança que apareceu, algumas pessoas supersticiosas começaram a dizer que a criança foi deixada por uma bruxa pelas circunstâncias do tempo, mas o casal avisou para todos que fariam uma festa no terreiro para as boas-vindas e nomeação. Quando o sol baixou, as pessoas começaram a chegar, eles prepararam galinha cozida e pão de milho (cuscu) para a festa.

– Fazia tempo que eu e minha véa queria ter uma cria. Ontem recebemos um presente que tanto nós pedia pro céu dá. – ele fez uma pausa – Nossa menina Layla. – Disseram os dois juntos.

No mesmo instante, uma ventania se espalhou pela festa, fazendo com que as mulheres segurassem suas saias, vestidos, e os homens, seus chapéus.

– Essa menina já está sendo abençoada pelo céu, as águas e a mata. – falou Lurdinha, uma das vizinhas do casal, tida como uma das mulheres mais sabidas de lá.

– Pelo jeito, até o vento quer jogar sua benção também. – falou a sra. Aquino, que tentava segurar seus cachos já envelhecidos, quase brancos.

Layla cresceu rodeada de pessoas com costumes e crenças próprias do lugar onde morava e ouvia as histórias que o pai contava atentamente antes de dormir olhando pra mata ao redor do terreiro. Ao amanhecer, passava horas e horas brincando nos arredores da propriedade, mas sem adentrar na mata fechada, onde imaginava que as histórias do seu pai ganhavam vida. Layla sentia uma enorme vontade de olhar aquelas árvores finas de perto e sentir as restas do sol em sua pele enquanto corria solta.

– Eu quero ir lá. – falou um dia, quando a mãe varria o terreiro.

– O que é, menina? – falou a mãe um pouco irritada, – teu pai já disse que tu num vai entrar ali.

– Eu vou sim. – Layla soltou suas pequenas panelas de barro e correu em direção à mata.

A mãe ainda abriu a boca pra gritar, mas apenas disse: – Ô menina danada! – em tom de desaprovação.

A menina correu até não ver mais a mãe e a casa; só parou quando sentiu um forte esbarrão em alguma coisa macia, olhou para cima e viu primeiramente uma coisa, pois não sabia definir o que era aquilo, depois se afastou e olhou melhor. Tinha esbarrado em uma pessoa que parecia flutuar. Suas vestes compridas eram macias e leves, sua pele escura brilhava no sol.

– O que é você? – perguntou a menina com os olhos arregalados e curiosos.

A entidade não respondeu, mas ficou olhando para a menina com os olhos brilhando de encanto.

– Como você é pequenininha. Que nome te deram?

– Minha mãe me chama de Layla, e você, qual nome te deram? – disse a menina imitando a fala do ser.

– Se eu disser quem eu sou, você nunca mais vai poder me encontrar.

– Eu não tenho medo de você não, meu pai disse que aqui na mata mora o povo que protege nós. É você que protege eu?

– Desde quando você nasceu.

Layla ficou admirando aquele ser e começou a enchê-la de perguntas sem sentir o tempo passar.

DE OLHO NO SESC

ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA!

No Programa Educação (do Sesc RJ), atuamos para a apropriação sociocultural da ciência a partir das interseções entre arte, ciência e tecnologia! Mas o que é isso? Apropriar-se da cultura científica significa compreender o que é ciência, seus conceitos, seu método, seus impactos, sua importância. Mas, mais que isso, significa entender a função social da educação científica na sociedade e exercer sua cidadania a partir destes conhecimentos.

Entre espaços físicos nas Unidades e na internet, reunimos cientistas, professores, artistas, fazedores, comunicadores, pensadores,

gamers, você e pessoas atuantes em diferentes áreas e de todas as idades em torno de uma programação que incentiva a reflexão sobre o conhecimento científico, intermediada pelas linguagens artísticas e pela tecnologia com suas narrativas interativas e imersivas que, em si, configuram-se também como temática.

A partir de projetos e programações variadas – oficinas, rodas de conversas, exposições, residências, festivais, e temas que vão de fabricação digital à cultura nerd, HQs e ficção científica, cultura maker, realidades virtuais e novas narrativas interativas, nossa proposta é “conhecer” e perceber como o conhecimento tem a ver com alegria, com fazer junto, com direitos, acolhimento, diversidade e empatia.

Conheça nesta edição o projeto Consciências e, para programação completa, acesse o site: <https://portaldaeduacao.sescrj.org.br/>

SESC ORGULHO NERD

Criado em 2019 pelas unidades do Sesc da Baixada Fluminense – São João de Meriti, Duque de Caxias e Nova Iguaçu, o projeto Sesc Orgulho Nerd busca evidenciar a Cultura Nerd e Geek produzidas em territórios periféricos, discutindo a diversidade e inclusão. Atualmente o projeto está ampliado para todas as unidades, aprofundando as ações e o diálogo com diferentes públicos.

Em novembro, a unidade Duque de Caxias realizará um encontro entre educadores, artistas e pesquisadores, para discutir a relação da Cultura Nerd e Pop com Educação, a partir de séries, filmes e quadrinhos, como ferramentas educativas.



12/11 CONFIRA A PROGRAMAÇÃO DO DIA 12 DE NOVEMBRO

OFICINA DE PODCAST

A oficina conceito de podcast, fomentando o debate sobre como conteúdos dessa natureza podem auxiliar na formação dos sujeitos e na divulgação científica. Para tal serão demonstradas as competências e os passos operacionais necessários para a produção desse material, para que assim os participantes possam ter uma base inicial de como elaborar conteúdos e produzir materiais nesse seguimento.

 HORÁRIO: 13h

QUAL É A COR DO NERD?

Um debate com intelectuais negros sobre o estereótipo do Nerd (painel de Abertura).

 HORÁRIO: 9h

OFICINA DE ROTEIRO

A oficina de storytelling para HQ apresentará aos participantes ferramentas e os conceitos básicos para construção de uma história, fornecendo instrumentos didáticos para elaboração de suas próprias narrativas.

 HORÁRIO: 11h

PROJETO CONSCIÊNCIAS

Em abril deste ano, a Gerência de Educação lançou o projeto CONSCIÊNCIAS, que tem por objetivo implementar ações sistemáticas e educativas de combate ao racismo, de forma sistemática, promovendo a educação antirracista, contribuindo para fomentar o pensamento crítico e a mudança de comportamento dos participantes.

O projeto tem por base de atuação os conhecimentos produzidos pelas ciências humanas e sociais, tendo como proposta a execução de uma agenda de programação que aborda a negritude, a tensão das relações étnico-raciais, o racismo estrutural e seus múltiplos efeitos na população negra no Brasil. Sendo assim, pretende, com um olhar cuidadoso, assessorar ações educativas e, em um seu escopo mais geral, ampliar as formas de diálogos sobre o racismo estrutural – advindo de um processo histórico, auxiliando no fortalecimento de espaços de trocas na perspectiva de uma tomada de consciência sobre justiça social.

O projeto CONSCIÊNCIAS já passou pelas unidades Madureira e São João de Meriti e, neste último trimestre, acontece na unidade Ramos. Pensaremos os trânsitos do território do Rio de Janeiro, identificando nestes espaços personalidades que dialogam com a valorização de elementos da cultura popular negra, partindo do macro para o micro, ou seja, de todo o território da cidade, para a área de abrangência de Ramos. Este será o mote que o projeto executará em parceria com escolas públicas do entorno, coletivos artísticos e toda a comunidade local.

Nesse contexto vamos trazer o coletivo Marginal Y-guaçu que dialoga com o projeto a partir das oficinas “corpo em risco-vivências e poéticas”, “sonoridades-vibração da música em materialidades múltiplas”, e apresentação teatral que propõe uma navegação “pelas águas do rio Iguaçu” para contar histórias do território às margens da baía da Guanabara. Há danças de violência e colonização, mas também há bailados de resistências, de diversidade e de descolonização. O espetáculo Marginal Y-guaçu é um convite para celebrar as potências culturais das periferias do Brasil com destaque para as histórias indígenas e africanas que desvelam riquezas culturais marginalizadas pela colonialidade”. As apresentações serão seguidas roda de conversa.



A programação vai ocorrer em escolas públicas da localidade de Ramos:

MARGINAL Y-GUAÇU

Oficina Corpo em risco: Vivências e Poéticas

A oficina pretende revelar a “Vivência de corpo e dança – O corpo é campo de memórias”, trazendo as subjetividades, as demandas diárias e as disputas inscritas no ato de dançar, criando poéticas que refletem as existências que atravessam o próprio tempo, movimentando discursos.



MARGINAL Y-GUAÇU

Espetáculo

O espetáculo vai abordar narrativas dos povos indígenas e africanos que viveram a experiência da diáspora no Recôncavo da Guanabara.

DATAS: 03 E 09/11 LOCAL: COLÉGIO ESTADUAL

Confira a agenda de programação em novembro a realização do “Ciclo de Oficinas: Reflexões e Diálogos para a Construção de Práticas Antirracistas” direcionado para o público de estudantes de colégios estaduais, escolas municipais e na unidade Ramos. A realização do ciclo conta com a parceria de integrantes do Comitê Pró - Equidade de Gênero e Raça da Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz):

LETRAMENTO RACIAL: IDENTIDADE E REPRESENTATIVIDADE

Data: 03/11 - Horário: 10 às 12h

EMPREENDEDORISMO E MERCADO DE TRABALHO

Data: 17/11 - Horário: 10 às 12h

LITERATURA, ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA

Data: 22/11 - Horário: 10 às 12h

COMUNICAÇÃO PELA DIVERSIDADE - PRÁTICAS ANTIRRACISTAS

Data: 24/11 - Horário: 10 às 12h

Maiores informações no nosso Portal da Educação:

<https://portaldaeduacao.sescrrio.org.br/>





SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC

Administração Regional no Estado do Rio de Janeiro
Rua Marquês de Abrantes, 99 – Flamengo

CONSELHO REGIONAL DO SESC DO RIO DE JANEIRO

Presidente: Antonio Florencio de Queiroz Junior

Diretor Regional: Regina Pinho

EFETIVOS:

Alberto Machado Soares, Alex Bolsas, Andréa Marques Valença,
Antônio Lopes Caetano Lourenço, Bráulio Rezende Filho,
Flávio Luis Vieira Souza, Germano de Freitas Melro Valente,
Guilherme Braga Pires Neto, Igor Edelstein de Oliveira,
José Aníbal dos Prazeres, José Essiomar Gomes da Silva,
José Jorge Ribeiro Gomes, Luiz Edmundo Quintanilha de Barros
Napoleão Pereira Velloso, Natan Schiper,
Pedro José Maria Fernandes Wahmann, Robson Terra Silva,
Sérgio Neto Claro

SUPLENTES:

Adelson Vargas da Silva, Antônio de Pádua Alpino,
Antônio José Ouvia Peres Osório, Antônio Luiza Borges,
Belmiro Carlos Nunes, Elaine Brito Rodrigues da Silva,
Jeronimo Pereira dos Santos, Jorge Guilherme Ainda Aiex,
José Carlos Corrêa, Levi Moreira de Freitas,
Maxmilian Lamoglia de Freitas, Nazra Córrea da Silva Simão,
Nestor Porto de Oliveira Neto

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

EFETIVOS:

Antonio Florencio de Queiroz Junior
Natan Schiper, Pedro José Maria Fernandes Wahmann

SUPLENTES:

Alberto Machado Soares, Andréa Marques Valença,
Napoleão Pereira Velloso



HUMANOS